

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 7b, Hebreus 7:1-8:13: Melhor Sacerdócio, Melhor Aliança (Parte 2)

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

No início do capítulo 8, o autor continua com sua exposição do ministério sacerdotal de Jesus com uma declaração explícita da ideia principal ou do ponto principal, o *cephalon* que a discussão anterior tem conduzido. O ponto principal em relação a essas coisas sendo ditas aqui é este. Temos um sumo sacerdote tão grande, que se assentou à direita do trono da majestade nos céus, um ministro dos lugares santos, e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor fundou, e não um ser humano.

O autor aqui está refocando o argumento, que, a partir deste ponto, abordará os detalhes do melhor sacrifício sacerdotal de Jesus no melhor lugar da mediação. O autor também afirma mais uma vez para os ouvintes seu desfrute das grandes vantagens que o autor descreve e, portanto, seu fundamento para esperança e para continuar a investir em seus compromissos anteriores de continuar a buscar os benefícios de Deus. O segundo aspecto alimenta particularmente as exortações práticas que flanqueiam o discurso central no capítulo 4, versículos 14 a 16, e capítulo 10, versículos 19 a 25, onde o autor continua encorajando os ouvintes a concentrar suas atenções e suas energias centrípetas uns nos outros e naquele centro onde Deus deve ser encontrado como o local de sua esperança.

Na abertura do capítulo 8, ouvimos novamente o Salmo 110, versículo 1, na combinação das noções de ser nomeado sacerdote por Deus e sentar-se à direita de Deus. O autor pode ter achado a ordem desses eventos no Salmo 110 importante. No Salmo 110, versículo 1, Deus convida essa figura para os lugares celestiais para sentar-se à direita de Deus.

Um pouco mais tarde, no quarto versículo, Deus designa essa figura para uma nova ordem de sacerdócio. O autor de Hebreus lê esse salmo como sugerindo um sacerdócio celestial, que será exercido do ponto de vista do lado direito do próprio trono de Deus no reino invisível, em vez de nesta criação material visível. Ele será exercido no verdadeiro tabernáculo, aquele que o Senhor fundou e não um ser humano.

Outros textos dos primeiros séculos a.C. e d.C. dão testemunho da tendência de criticar os templos materiais terrestres como lugares sagrados inferiores, uma vez que são construídos por mãos humanas. Encontramos isso, por exemplo, no final do discurso de Estêvão em Atos capítulo 7 ou no processo do discurso de defesa de Paulo diante do Areópago em Atos capítulo 17. O autor de Hebreus parece implicitamente trazer esse tópico de crítica aqui, e ele contrasta a origem humana

material de qualquer santuário terrestre com a origem eterna divinamente fabricada do santuário celestial onde Jesus foi ministrar como sacerdote.

A própria natureza daquele lugar é tão superior a qualquer tabernáculo terrestre, quanto o criador daquele tabernáculo celestial é superior aos construtores de templos terrestres. O autor se baseia, portanto, na tendência de pensar em feito pelo homem versus feito por Deus, visível e terrestre versus invisível e celestial para sublinhar o melhor local em que Jesus exerce seu sacerdócio. O próximo versículo introduz os sacrifícios que são oferecidos por este melhor sacerdote em um melhor local, um tópico que será bastante discutido nos capítulos 9 e 10.

O autor escreve que todo sacerdote é nomeado para oferecer presentes e sacrifícios, razão pela qual era necessário que ele, isto é, Jesus, tivesse algo para oferecer. A definição do papel e da responsabilidade de um sacerdote relembra a definição anterior dada em Hebreus 5, versículo 1. A principal ocupação dos sacerdotes nas prescrições da Torá, do Pentateuco e dos cinco livros de Moisés é a oferta de sacrifícios, de modo que para Jesus agir como sacerdote, também seria necessário que ele tivesse algo para oferecer. O autor desenvolverá a natureza, a garantia e a eficácia desse sacrifício mais tarde.

Agora mesmo, ele está se movendo para responder a uma pergunta implícita. Se Jesus não estivesse nos lugares celestiais, ele poderia ser um sacerdote? Então, lemos no versículo 4, se ele estivesse na terra, ele não seria um sacerdote, pois já existem aqueles que oferecem dons de acordo com a lei. Este é um argumento do contrário em apoio à afirmação anterior dos versículos 1 e 2 aqui no capítulo 8 de que nós, de fato, vemos Jesus como um sacerdote no céu.

Pelo contrário, se Jesus ainda estivesse na terra, ele não teria sido um sacerdote. A pressuposição aqui é que Jesus é um sacerdote em algum lugar, e se ele não está na terra, já que ele não seria qualificado para oferecer os tipos de sacrifícios que a Torá prescreve, ele deve ser um sacerdote no céu. Em relação à justificativa que o autor oferece aqui, já que já existem aqueles oferecendo presentes de acordo com a lei, o autor está se baseando mais uma vez no fato de que Jesus era descendente de Judá em vez de Levi.

O autor já admitiu no capítulo 7, versículo 14, que Jesus estava fora das qualificações da Torá para o sacerdócio com base na descendência genealógica de Levi como elas são. Assim, vemos parte desse argumento se desenvolvendo nesta passagem. Já que Jesus deve ser um sacerdote, como o Salmo 110 versículo 4 declara, e já que ele não pode ser um sacerdote no santuário terrestre, regulado como é pela Torá, com suas próprias regras para o que qualifica sacerdotes, ele é, portanto, um sacerdote no santuário celestial, o único outro santuário legitimamente conectado com o Deus único.

Em resposta à declaração do autor sobre o sacerdócio de Jesus no santuário celestial, podemos muito bem perguntar, que santuário celestial? Os cristãos do século XXI não costumam pensar na geografia do céu, por assim dizer, em termos de um templo com seus próprios rituais e parafernália. Mas nos séculos em torno da virada da era, não era incomum pensar no céu e no lugar onde Deus habita plenamente como, na verdade, um reflexo de onde Deus habita na terra. Como o autor de Hebreus então escreve, aqueles que oferecem dons de acordo com a lei servem a um padrão e uma sombra das coisas celestiais.

Assim como Moisés foi avisado quando estava prestes a completar o tabernáculo, veja que você faz todas as coisas, ele disse, de acordo com o modelo mostrado a você na montanha. O autor introduz uma recitação de Êxodo 25, versículo 40 aqui para provar tanto a natureza secundária do templo terrestre, que é apenas uma cópia, quanto a existência de um templo celestial primário, do qual o templo terrestre ou tabernáculo é um modelo. A noção de uma contraparte celestial para o templo de Jerusalém ou o tabernáculo do deserto era comum no judaísmo da era helenística, assim como o apelo a uma exegese de Êxodo 25 40 em apoio a essa crença.

Em Primeiro Enoque, uma parte de Primeiro Enoque que data talvez do final do terceiro ou início do segundo século a.C., encontramos o autor falando de uma casa de dois cômodos no céu, com um trono de Deus no segundo cômodo. O layout da morada celestial de Deus é, portanto, claramente um reflexo da casa terrena de Deus com seus dois lugares sagrados, um lugar sagrado e um lugar ainda mais sagrado onde a presença de Deus está especialmente localizada. Sabedoria de Salomão, um texto judaico helenístico do início do primeiro século d.C., também mostra a prevalência desse motivo à medida que seu autor assume a persona de Salomão.

Louvado seja Deus no capítulo 9, versículo 8, você disse para construir um templo em seu santo monte e um altar na cidade de sua habitação, uma imitação da tenda santa que você preparou de antemão desde o início. Segundo Baruque, um apocalipse judaico de cerca de 100 d.C. , descreve Deus confortando Baruque sobre o destino de Jerusalém e sua destruição por Nabucodonosor, afirmando a realidade de uma Jerusalém celestial com seu templo, algo que Deus havia mostrado a Adão e a Moisés há muito tempo, um verdadeiro templo que não poderia ser tocado pelos exércitos gentios. O livro do Apocalipse também contém uma riqueza de alusões ao templo celestial, bem como seus vários móveis.

O autor de Hebreus também acreditava na existência deste tabernáculo, este templo no reino de Deus, que foi preparado desde o princípio para que seja realmente o protótipo, como o próprio pregador coloca em Hebreus 8.5, do qual o tabernáculo terrestre é o antítipo, como o autor dirá no capítulo 9 versículo 24. É a imitação, a cópia, a sombra. Agora, quando encontramos palavras como cópia e sombra, podemos naturalmente pensar em definições platônicas de realidade, pelas quais o

que é real existe no reino das ideias, o reino das construções mentais, enquanto as representações físicas aqui no mundo visível são meramente cópias ou modelos, representações secundárias daqueles tipos ideais ou ideacionais.

Mas o autor de Hebreus dificilmente era um platônico. Ele concordaria que realidades invisíveis são superiores às suas imitações materiais, mas ele coloca essas convicções firmemente dentro da cosmologia judaica. Ou seja, ele não contrasta o visível e o material com o reino das ideias, mas sim com o reino celestial eterno, que é atualmente invisível, mas nem sempre será invisível.

Ele também o coloca dentro de uma estrutura temporal em linha com o interesse judaico-cristão no drama historicamente desdobrado da redenção e escatologia que seria completamente estranho ao pensamento de Platão. O autor agora retorna neste ponto no versículo 6 à sua tese usando novas palavras para expressar a mesma ideia encontrada no capítulo 8, versículos 1 e 2. Mas agora, ele recebeu um ministério correspondentemente mais distinto, pois ele é o mediador de uma aliança melhor, que foi legislada com base em promessas melhores. O ministério de Jesus é um efeito da nova aliança, que é em si um efeito de promessas melhores.

Tudo isso é garantido pelo juramento de Deus em relação ao sacerdócio de Jesus e, por extensão, à nova aliança anexada a ele. Isso levará o autor a uma das mais impressionantes afirmações que ele faz sobre a antiga aliança no curso de seu sermão no restante do capítulo 8. Em Hebreus 8, versículos 7 a 13, o autor agora fornece a evidência bíblica para a anulação da antiga aliança em favor de uma nova e mais eficaz, recitando Jeremias 31, versículos 31 a 34. Este texto de Jeremias também fornece uma indicação do que são essas melhores promessas, um tópico que o autor desenvolverá longamente em Hebreus 9.1 a 10.18. O que se segue então em Hebreus 8:7 a 13 é uma confirmação da afirmação que o autor fez no versículo 6 de que Jesus é o mediador de uma melhor aliança fundada em melhores promessas.

Ao mesmo tempo, ele fornece uma transição para a próxima seção de argumentação. O autor aborda sua recitação de Jeremias com um argumento contrário. Ele escreve que se o primeiro tivesse sido impecável, um lugar não teria sido procurado para um segundo.

Então, ele recita o texto de Jeremias para provar que o próprio Deus havia deixado de lado a primeira aliança como ineficaz, estabelecendo um tempo em que ele faria uma nova aliança que seria eficaz e, portanto, melhor. Mais uma vez, a cronologia dos oráculos de Deus se mostra significativa. Falando por meio de Jeremias, após séculos de operação do sacerdócio levítico sob os regulamentos da Torá, Deus é visto como deixando de lado uma aliança existente em favor de uma que ele fará com seu povo em um futuro próximo.

Conforme o autor continua, por encontrar falhas neles, ele diz, eis que dias virão, diz o Senhor, e farei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança, não conforme a aliança que fiz com seus antepassados no dia em que os tomei pela mão para tirá-los da terra do Egito, porque eles não permaneceram na minha aliança, e eu deixei de cuidar deles, diz o Senhor. Esta primeira parte da recitação fornece a censura de Deus àqueles que falharam em executar a primeira aliança com excelência. Encontrando falhas neles, ele diz, eles não persistiram na minha aliança, e, portanto, não pensei neles, diz o Senhor.

O autor pode pretender que seus ouvintes se lembrem especificamente do exemplo da geração que Deus tirou do Egito pela mão, mas que se rebelou contra Deus e acabou morrendo no deserto, um exemplo que o pregador já desenvolveu com alguma extensão em Hebreus 3:7 a 4:11. A segunda metade da recitação do texto de Jeremias fornece o texto das próprias promessas melhores. Esta é a aliança que instituirei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor.

Colocando minhas leis em suas mentes, eu as escreverei em seus corações, e eu serei para eles um Deus, e eles serão para mim um povo, e eles certamente não ensinarão cada pessoa a seu concidadão, e cada um a seu irmão ou irmã, dizendo: conheça o Senhor, pois todos eles me conhecerão, do menor ao maior deles, porque serei misericordioso com relação a seus erros e pecados. Certamente não me lembrarei mais. Esta parte do texto de Jeremias fala primeiro de uma internalização dos mandamentos de Deus, um conhecimento interno e comprometimento em viver de acordo com as leis de Deus.

O autor não comenta sobre esse versículo na exposição que se segue, mas ele claramente ressoa com seu interesse ao longo do sermão nos crentes vivendo de modo a agradar a Deus e evitar o que Deus odeia, fixando seus corações em Deus e no favor de Deus em confiança leal e obedecendo aos mandamentos de Deus para eles, vivendo o amor ao próximo, que está no coração da lei de Deus. Uma linha nesta passagem recitada de Jeremias, e cada um certamente não ensinará mais seu concidadão ou vizinho, dizendo, conheça o Senhor, pode parecer a princípio conflitar com a exortação do autor em Hebreus 5, versículos 11 a 14, onde o autor explicitamente encoraja os crentes a ensinarem uns aos outros. Ali, no entanto, o autor tem em mente a necessidade de continuar a reforçar a cosmovisão e o ethos da cultura cristã uns para os outros, algo que ele chama ao longo do sermão.

Em um sentido mais profundo, no entanto, o autor afirmaria que todos os membros da comunidade passaram a conhecer o Senhor intimamente por meio da experiência do Espírito Santo, ao qual ele se refere tanto no capítulo 2, versículos 3 e 4, quanto no capítulo 6, versículos 4 e 5. Eles precisam apenas exortar uns aos outros a serem fiéis ao conhecimento de Deus que receberam. O dístico final de Jeremias 31-34 é: Serei misericordioso em relação às suas más ações e aos seus pecados, certamente

não me lembrarei mais. Isso surge como um ponto crucial para o argumento que se segue.

De fato, esses versículos reaparecerão em Hebreus capítulo 10, versículo 17, como a conclusão para a qual todo Hebreus 9, 1 a 10, 18 conduz. A remoção decisiva desses pecados que tornam a consciência impura significaria que os adoradores poderiam se aproximar do Deus Santo na expectativa total de favor e ajuda, em vez de na expectativa de que a santidade de Deus se protegeria da contaminação queimando o invasor impuro. O autor continuará nos capítulos que se seguem a desenvolver como o sacrifício de Jesus de si mesmo e a oferta de seu sangue em obediência a Deus afetam essa purificação decisiva do pecado e tornam possível o acesso face a face entre Deus e os clientes de Jesus, em contraste marcante com as limitações estabelecidas no acesso a Deus sob a antiga aliança.

O autor conclui esta seção com a seguinte declaração controversa. Ao dizer novo, ele torna o primeiro velho, e o que está ficando velho e obsoleto está perto de desaparecer. O autor está aqui desenhando as implicações do texto, especificamente o uso de Jeremias do adjetivo novo para descrever a aliança que Deus faria.

Chamando a segunda aliança de nova, o autor argumenta que torna a primeira velha, o que carrega o significado secundário de anulada, já que a aliança não apenas envelheceu, mas Deus a tornou desatualizada. O autor acrescenta uma inferência adicional sobre o que significa tornar-se obsoleto e envelhecido. Isso significa que algo está a caminho de desaparecer dessa realidade.

Dessa forma, o autor vincula a antiga aliança à criação material e visível que está passando e apresenta o relacionamento que é forjado entre os seres humanos e Deus por meio de Jesus como o vínculo relacional da aliança que durará, aumentando ainda mais o valor de manter esse relacionamento para os destinatários, alguns dos quais podem ser tentados a deixá-lo ir. O autor avançou seus objetivos pastorais para seus ouvintes de várias maneiras nos capítulos sete e oito. Primeiro, ele continua a impressionar os ouvintes com a honra incomparável de Jesus, aqui por meio do estabelecimento de que o lugar de Jesus na ordenação do cosmos por Deus está muito acima e além daquele dos sacerdotes investidos com a honra de servir a Deus no tabernáculo e templo terrestre de Deus.

A linhagem de Aarão e a linhagem mais ampla de Levi são de fato honradas na história sagrada de Deus, mas Jesus e sua ordem sacerdotal estão em um plano acima deles. O autor também estabeleceu, com base na autoridade das escrituras, a realidade das coisas invisíveis das quais ele fala. Ele fala da instalação de Jesus como um sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque em um templo celestial, do qual o templo visível em Jerusalém é apenas um modelo.

Esta é apenas mais uma maneira pela qual o autor está tentando fazer com que os ouvintes imaginem e visualizem o reino invisível e imaterial de Deus como algo tão real, com, por exemplo, uma geografia e arquitetura tão reais quanto qualquer coisa que eles vejam esculpida em mármore e calcário ao redor deles em suas cidades. O reino de Deus é tão real. Ele também demonstrou, por meio do apelo a Jeremias, uma decisão divina de deixar de lado a primeira aliança junto com seu sacerdócio devidamente nomeado e regulamentado em favor desta nova aliança com seu novo sacerdote.

Esta é, reconhecidamente, uma coisa altamente controversa de se afirmar, não porque o autor de Hebreus não esteja claro sobre sua posição, mas sim por causa de uma mudança teológica massiva que aconteceu em nosso contexto desde o Holocausto. Diante dos horrores aos quais o antissemitismo levou, muitos teólogos começaram a promover uma teologia de duas alianças, segundo a qual a aliança mosaica permaneceu o caminho para o povo judeu e a nova aliança era o caminho para os não judeus, cada uma sendo igualmente válida e operacional aos olhos de Deus. Embora isso tenha se tornado uma forma proeminente de pensar no final do século XX e início do século XXI, não era a visão do autor de Hebreus, nem era a visão de Paulo, como é frequentemente afirmado, que ficou tão triste com a falha de seu próprio povo em aceitar seu Messias que ele poderia desejar ser amaldiçoado e separado de Deus se isso revertisse essa tendência.

Todos esses pontos juntos servem ao objetivo abrangente do autor de reforçar para seus ouvintes o valor de Jesus e o valor de permanecer conectado com esse Jesus, em vez de permitir que seu público pense que é de alguma forma desvantajoso para eles continuarem associados a Jesus por causa das pressões que foram colocadas sobre eles por seus vizinhos e por causa do que eles perderam como resultado da hostilidade de seus vizinhos. Em Jesus, eles têm um sacerdote de uma linha sacerdotal mais distinta, alguém cujo trabalho sacerdotal é apoiado por um juramento divino assegurando sua validade permanente, um sacerdote que possui melhores qualificações como um mediador confiável, que nunca morrerá, que não é passível de pecar e, portanto, de alienar a própria divindade cujo favor ele também deve mediar, um sacerdote que executa sua obra em um local superior, o reino eterno de Deus, no verdadeiro santo dos santos além da criação, e um sacerdote que media uma aliança melhor envolvendo a remoção decisiva da culpa e trazendo o conhecimento íntimo de Deus e das exigências de Deus. Ao retornar a Melquisedeque em Gênesis 14, às prescrições mosaicas para o serviço de Deus em um tabernáculo e seu pessoal na Torá, aos oráculos de Deus falados por meio de Davi e depois por meio de Jeremias, o autor também dá aos ouvintes uma nova perspectiva sobre sua situação, também calculada para facilitar a perseverança.

Se eles apenas olharem para a direção que suas vidas tomaram nos últimos cinco anos ou 10 anos ou talvez 20 anos desde que se converteram à fé cristã, eles terão uma visão um tanto obscura da trajetória que sua situação tomou. As coisas

pioraram em vez de melhorar, mas se eles tomarem essa visão mais longa que o autor está expondo do ponto de vista do lidar de Deus com a humanidade para formar um povo para si mesmo, eles estão em um ponto de privilégio notável, pois Deus agora trouxe as coisas melhores que Deus tem preparado desde o fracasso das coisas anteriores. Coisas para as quais o rei Davi é reputado por ter olhado, coisas sobre as quais Jeremias, o profeta, só podia falar com antecedência.

Então, desse ponto de vista, onde eles estão na história é, na verdade, um lugar invejável, não um lugar de desvantagem, como seus vizinhos podem tentar fazê-los pensar. Mais uma vez, a palavra de Hebreus continua a nos desafiar também em nossa situação. A mesma perspectiva histórica de salvação que o autor oferece ao seu público sobre o acesso a Deus que eles desfrutaram também deve nos alertar, que vivemos dois milênios após a morte de Cristo, a não tomar esse acesso como garantido.

O que foi alcançado em Cristo para a abordagem da humanidade ao divino foi algo como um momento incrível que mudou a maneira como os humanos responderam e foram qualificados para se aproximar de Deus de uma forma definitiva. A adoração cristã diante do todo-poderoso juntos não é, portanto, uma tarefa, nem uma obrigação que consome nossos domingos, mas um privilégio surpreendente. A garantia dada ao cristão não apenas de ser capaz de se aproximar de Deus em adoração e oração a qualquer momento, mas também de ser qualificado para entrar na presença de Deus, seja após a morte ou na segunda vinda de Cristo, é um benefício que era impensável para qualquer um no período antes de Jesus.

O autor, portanto, nos desafia a manter o privilégio que Jesus conquistou para nós vivo em nossas mentes como se, de fato, fosse novo e fresco para nós e não algo de dois milênios. Ao longo desta seção e particularmente no capítulo 8, o autor nos lembra que a criação material visível tem menos valor e é uma realidade menos segura do que aquela que existe no reino eterno e invisível de Deus. Este é outro ponto em que o autor nos incitaria a sair de nosso compromisso com o empirismo e o materialismo, confiando e nos importando mais com o que podemos ver, sentir e ouvir do que com o que permanece além da observação de nossos sentidos.

Seguir Cristo com nossos corações plenos em vez de dividir nosso tempo, energias e investimento entre Deus e mamom requer nos apegarmos ao que o autor expõe no começo e no fim de seu sermão. O mundo material visível é o não confiável, enquanto Jesus é a fundação confiável sobre a qual construir uma vida genuinamente segura. As recompensas deste mundo podem parecer mais reais do que sussurros das promessas de Deus, mas enquanto pensarmos e avaliarmos as coisas dessa forma, nos faltará a singeleza de coração que dá ao discipulado seu poder, integridade e alegria.

O autor tenta nos ajudar a entender que o juramento de Deus nunca falhará, que as promessas de Deus virão aos fiéis e que Jesus nunca decepcionará aqueles que confiam nele; portanto, o autor tenta nos ajudar a continuar a construir nossas vidas plenamente em torno dessas promessas e da palavra deste Jesus.